



**PIERRE MONBEIG, AROLDO DE AZEVEDO E MARIA CONCEIÇÃO
VICENTE DE CARVALHO PROPONDO O CURRÍCULO DE
GEOGRAFIA DA ESCOLA SECUNDÁRIA (1935)**

João Luiz Cuani Junior
jcuanijr1998@gmail.com¹

Márcia Cristina de Oliveira Mello
marciamello@ourinhos.unesp.br²

Resumo:

A temática deste artigo se aproxima do currículo para o ensino de Geografia da escola secundária dos anos de 1930. Destacamos a influência de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho que elaboraram um projeto de programa para o ensino de Geografia à época. Trata-se de pesquisa documental e bibliográfica desenvolvida por meio de localização e análise de fontes documentais, dentre elas o texto "O ensino secundário da Geografia", publicado no ano de 1935, na revista Geografia. Destacamos o contexto em que a proposta foi produzida, assim como a contribuição dos autores para a organização do currículo de Geografia para escola secundária. O currículo de Geografia proposto considerava os pressupostos da Escola Nova, valorizando os aspectos psicológicos e metodológicos da aprendizagem. Este modelo de currículo, por sua vez, estava articulado com o modelo de formação docente em Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) e era discutido na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). A partir dos anos de 1930 o Brasil é submetido à uma lógica econômica específica, dando prioridade para uma implantação da lógica urbano-industrial. Após a revolução de 1930 ocorreram modificações em relação as necessidades educacionais. O governo de Getúlio Vargas criou o ministério da Educação e Saúde Pública, cujo primeiro ministro foi o Francisco Campos, que dentre suas medidas criou a FFCL, onde foram formados os professores do ensino secundário. A formação pedagógica se dava no Instituto de Educação da USP onde eram ministradas disciplinas como Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Fundamentos Biológicos da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação. Portanto, o aluno tinha uma formação científica na área de atuação para depois obter uma formação pedagógica. A formação do professor secundário a cargo do Instituto de Educação deveria realizar-se no esquema conhecido como três mais um. Este curso inaugurou uma tradição na formação de professores de Geografia que por sua vez trouxeram mudanças no currículo de Geografia para a escola brasileira. Dentre as orientações estavam os incentivos de leituras de cartas topográficas, excursões geográficas, inclusão de aspectos sociais e econômicos nas temáticas geográficas, a partir de uma exposição didática.

Palavras-chave: ensino de Geografia; currículo de Geografia; Didática da Geografia

¹ Aluno do curso de Geografia da UNESP-Câmpus de Ourinhos. Pesquisa em nível de Iniciação Científica – FAPESP.

² Docente do curso de Geografia da UNESP-Câmpus de Ourinhos. Pesquisa vinculada a FAPESP.



Introdução

No sentido de compreender aspectos da história da formação de professores de Geografia no Brasil está em desenvolvimento o projeto regular junto à FAPESP “Orientações metodológicas destinadas aos professores de Geografia para o ensino secundário da escola paulista (1934-1960)”. A pesquisa aqui apresentada é resultante das atividades desenvolvidas como membro de sua equipe executora, enquanto bolsista da FAPESP.

No campo do ensino de Geografia selecionamos a temática relacionada ao currículo de Geografia para a escola secundária proposta pelos primeiros professores de Geografia [e História] da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a partir de 1934. Sendo considerado um marco no ensino da escola secundária, o principal objetivo é compreender o contexto histórico da época, considerado este um grande influenciador das propostas educacionais aqui trabalhadas.

O ideário educacional dos anos de 1930, do século XX, passou por um momento revolucionário com o fim da primeira república, onde o poder estava sob o domínio dos coronéis do leite em Minas Gerais e os barões do café em São Paulo. Submissas a uma lógica de desenvolvimento e de intensa urbanização, as cidades começaram a abrigar e receber um intenso fluxo de pessoas, ultrapassando o número de um milhão de habitantes.

Concomitante a lógica urbana também as relações de trabalho se ampliaram, visto que a partir da década de 1930 surgiu a necessidade do investimento em educação e a criação de escolas.

O então presidente da república Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, o primeiro gestor foi Francisco Campos que decretou algumas leis tais como o decreto n.19.851 (11/4/1931), que instituiu o regime universitário. A partir desse decreto o ensino superior deveria ser ministrado na universidade com a criação de Faculdades de Educação Ciências e Letras onde a principal função seria a formação dos professores secundários. Mas a Faculdade de Educação Ciências e Letras idealizada por Francisco Campos não chegou a ser instaurada. A instituição que teria a função de preparar professores para o ensino secundário no Brasil foi denominada Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Com essas medidas a educação



tentava acompanhar a nova lógica da cidade urbano-industrial, com traços de modernidade. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2015).

Ainda na década de 1930 outro divisor de águas para a educação foi a publicação do chamado “Manifesto dos pioneiros da educação”, que ocorreu em 1932, coordenado por Fernando de Azevedo. Trata-se de documento que afirmava que dentre todos os problemas que o país enfrentava, nenhum deles tinha primazia se não o problema educacional, fomentando na sociedade o apoio para a ampliação do sistema educacional brasileiro, para tanto, a formação docente foi posta em evidência.

Em 1934 foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL da USP), dentre os cursos nascentes estava o de Geografia e História, nas modalidades Bacharelado e Licenciatura. Os candidatos ao curso de Licenciatura deveriam cursar a formação pedagógica no Instituto de Educação, já que pelo Decreto estadual n. 5.884/33 o Instituto Caetano de Campos foi transformado em Instituto de Educação, passando oferecer a formação pedagógica aos candidatos ao magistério secundário. Em 1938 o Instituto de Educação foi incorporado à USP, e em 1938 transformado na seção de Pedagogia da FFCL, posteriormente se transformou em Departamento de Educação. O Instituto de Educação e sua “Escola de formação de professores” contribuíram para que surgissem as primeiras gerações de professores especializados, no estado de São Paulo, dentre eles os de Geografia [e História]. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2015).

A formação pedagógica do professor secundário envolvia estudos relativos aos problemas psicológicos da aprendizagem na fase da adolescência e saberes relacionado ao currículo escolar. O referencial teórico do curso estava articulado à Didática da Escola Nova.

Neste sentido, o ensino de Geografia passou a receber influência desta tendência pedagógica, representada especialmente pelo pensamento de Delgado de Carvalho. Até então, professor e diretor do Colégio D. Pedro II era pioneiro na divulgação dos preceitos escolanovistas para o ensino de Geografia e publicou, no ano de 1925, um dos trabalhos mais importantes da época *Metodologia do ensino geográfico*, manual de ensino no qual propôs uma distribuição mais precisa e lógica dos conteúdos de ensino e metodologias mais adequadas ao interesse dos alunos.



(PONTUSCHKA, 1999).

De acordo com Delgado de Carvalho (1925) o papel do professor de Geografia deveria ser o de demonstrar ao aluno de que modo o meio age sobre o homem e de que o modo o homem reage ou se adapta a ele. Assim, o aluno com o passar do tempo na transição do ensino primário para o secundário criaria habilidades intelectuais que permitiriam a ele evoluir no sentido da abstração dos conceitos geográficos.

Num primeiro momento, a orientação metodológica era que os professores focassem nos estudos locais, já que posteriormente o aluno seria capaz de estudar localidades diferentes, e compreender as influências do meio nos diferentes modos de vida.

Cada meio social, as terras polares, os estepes, as savanas, os desertos, montanha, a selva, as campinas, passarão a constituir quadros vibrantes na imaginação do alunos, porque preparados pela geographia systematica a conhece as diferenciações causadas pela desigual distribuição dos climas, do relevo, da hydrographia, dos mares; ele poderá reconstituir a causalidade e a finalidade destes elementos nos quadros diversos que descreve a geographia regional. (CARVALHO, 1925, p.71).

Ainda para Carvalho, a partir da compreensão do espaço e as suas dinâmicas através da linguagem geográfica, o aluno poderia analisar e interpretar as inter-relações existentes desde o seu local de origem até o lugar mais distante. Seria ainda despertado o interesse geográfico no aluno, que para ele jamais iria se esquecer. Para isso, era designado ao professor o papel de “despertar” o interesse no aluno, reconhecendo que seria mais fácil ensinar a Geografia por meio de figuras, por objetos, do que simplesmente por meio de livros e palavras.

Assim, o curso de formação docente na USP viveu o clima da Escola Nova, seja por meio do referencial bibliográfico contido nas bibliografias das disciplinas pedagógicas, como é o caso do manual de Delgado de Carvallho, ou na produção intelectual dos docentes – a exemplo de Pierre Monbeig - e depois na produção e atuação profissional dos ex-alunos – como Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho.

Os formandos do curso da USP destacaram-se no cenário estadual especialmente junto a



Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), instituição que à época era consultada também sobre os problemas relacionados ao ensino de Geografia, portanto, opinava sobre seu currículo.

Pierre Monbeig o renomado professor das primeiras turmas, nasceu em 1908 e teve sua formação em História e Geografia concluída na Universidade de Paris, em 1927. No ano de 1935 recebeu o convite para ocupar a cadeira de professor de Geografia Física e Humana na Universidade de São Paulo. No ano de 1937 ocupou o cargo de presidente da AGB que se estendeu até 1946. Monbeig trouxe a influência francesa como matriz do pensamento geográfico da época, contida no pensamento de autores tais como Vidal de La Blache, Albert Demangeon etc. Como tinha experiência como professor de escola secundária em seu país ficou responsável por introduzir no curso da USP as questões relativas a Metodologia do ensino de Geografia. Não era o responsável pela disciplina de Metodologia das disciplinas específicas, mas proferiu a primeira palestra sobre o tema e sempre que solicitado opinava sobre o assunto.

Aroldo de Azevedo nascido em 03 de março de 1910 foi um dos principais geógrafos brasileiros principalmente no que se tange a sistematização e ensino de Geografia. Após ter concluído o curso de Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro escolheu a Geografia, foi então que ingressou na USP. Formou-se no curso de Geografia e História no ano de 1939. Durante sua vida acadêmica publicou mais de 120 textos entre artigos e livros, muitos deles relacionados ao ensino de Geografia do Brasil.

Maria da Conceição Vicente de Carvalho nasceu em Santos, no Estado de São Paulo, em 1906. Em 1927 foi diplomada pela Escola de Engenharia do Instituto Mackenzie em Química Industrial. No ano de 1934 matriculou-se na primeira turma da seção de Geografia e História da FFCL da USP obtendo seu diploma de licenciada no ano de 1938. Ela defendeu sua tese de doutorado intitulada “Santos e a Geografia humana do litoral Paulista”. Assim, no dia 23 de novembro de 1944 se tornou a primeira geógrafa mulher que recebeu o título de doutora em Geografia.

Estes três professores tiveram sua atuação profissional ligada também ao ensino de Geografia e contribuíram para a organização e constituição do que hoje entendemos como currículo de Geografia. Atuaram na época das transformações aliadas a ideologia do



nacionalismo patriótico, e justamente da importância que a educação estava adquirindo frente às intenções do Estado, que organizava o sistema educacional.

Já era fato de que o ensino da Geografia necessitava de transformações, o seu ensino já era ineficaz repleto de insatisfações, metodológicas, sistemáticas e até mesmo didáticas. Na tentativa de romper com a corrente positivista e se adequar a nova realidade social, surge uma indagação de como o currículo de Geografia poderia ser constituído. Como a AGB representados por Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Aroldo de Azevedo e Pierre Monbeig foi consultada sobre a possibilidade de sistematizarem uma proposta de currículo para o ensino secundário da Geografia, a resposta foi concretizada em forma do texto "O ensino secundário da Geografia", publicado no ano de 1935, na revista *Geografia*.

Partindo do pressuposto de que a Geografia passava por um momento de grandes transformações, tanto, no contexto nacional quanto mundial, os autores acreditavam que seu ensino se daria na substituição de um sistema puramente baseado na nomenclatura para uma compreensão científica dos conceitos. Parte-se do princípio de que é melhor conhecer bem poucas coisas do que mal todas elas.

O ensino secundário, para os autores, deveria ser um ensino de cultura geral e não de especialidades. Portanto, enfatizaram que, o papel dos professores deveria ser o de auxiliar na formação de personalidades e não a de recrutar geógrafos. Assim, seria importante conhecer os alunos, as suas representações sociais e os saberes que traziam. Na proposta indicaram quais conteúdos e quais formas de se aplicar os conteúdos geográficos, em cada uma das séries da escola secundária.

Objetivos da pesquisa

- Conhecer o projeto de programa para o ensino de Geografia apresentado no texto "O ensino secundário da Geografia" (1935).
- Compreender o contexto em que foram produzidas as propostas de intervenções didáticas de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo, Maria Conceição Vicente de Carvalho para o ensino de Geografia na escola secundária da década de 1930..



Metodologia da pesquisa

A investigação consistiu em pesquisa bibliográfica e documental. O estudo documental se deu por meio de identificação, localização e recuperação de fontes primárias e secundárias obtidas especialmente nos acervos da FFCL da USP, incluindo os periódicos da época e outras fontes documentais tais como relatórios da universidade.

Foram consideradas também as bases de dados eletrônicas tais como o Banco de Dados Bibliográficos da USP (<http://dedalus.usp.br/>), Biblioteca Digital da UNICAMP (<http://cutter.unicamp.br/>) e o Catálogo Athena da UNESP (<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/>).

Após localização dos dados sobre a produção acadêmica dos autores que selecionadas, os dados foram organizados em forma de tabelas e/ou quadros que auxiliarão na análise da constituição da história do ensino de Geografia.

A pesquisa bibliográfica foi articulada aos temas relacionados ao ensino de Geografia na primeira metade do século XX. Foram enfatizados os aspectos referentes aos conteúdos de ensino e a Didática da Geografia.

Os dados coletados foram analisados à luz desta bibliografia especializada e os resultados serão sistematizados em formato de artigo acadêmico e/ou textos completos para apresentação em eventos científicos.

Resultados parciais

Como a pesquisa está em andamento, apresentamos aqui alguns resultados parciais.

Analisando o texto "O ensino secundário da Geografia" (1935), no que se refere à escolha dos conteúdos de ensino, percebemos que os autores indicaram algumas propostas divididas em séries anuais para o currículo da escola secundária.

Segundo a proposta dos autores o objetivo do ensino da Geografia para a escola secundária seria transmitir, com serenidade, quais são as questões econômicas, com suas relações políticas, que se apresentam ao seu país e ao mundo inteiro. Ainda se trata, no presente caso, de ministrar uma cultura geral e de formação para a cidadania.

Apresentamos abaixo os conteúdos de ensino propostos para o ensino de Geografia da



escola secundária dos anos de 1930.

Primeira série

ELEMENTOS DE COSMOGRAFIA E DE GEOGRAFIA FÍSICA, BIOLÓGICA E HUMANA:
Universo. Sistema solar. Terra. Lua. Linhas e círculos da esfera terrestre. Longitude e latitude. Dias e noites. Estações. Orientação
Estrutura da Terra. Relevo. Costas. Oceanos e mares. Rios e lagos. Atmosfera: o clima e as grandes zonas climáticas.
Distribuição dos vegetais e dos animais sobre a Terra.
População da Terra. Raças. Religiões. Graus de civilização.

Para a primeira série do ensino secundário os professores deveriam considerar que os alunos ainda eram muito jovens, por isto teriam dificuldades em compreender abstrações quando da apresentação dos conceitos, portanto, era viável que o professor iniciasse a aula baseada nas dinâmicas locais do espaço em que o aluno estava inserido.

Segunda série

GEOGRAFIA GERAL DOS CONTINENTES:
Estudo dos continentes (América, Europa, Ásia, África, Oceania).
Situação geográfica. Relevo. Costas. Hidrografia. Climas. Riquezas naturais.
Populações. Divisões políticas. Principais centros urbanos. Recursos econômicos. Dentro de cada continente serão estudados com maior minúcia os principais países, a saber: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Ilhas França, Alemanha, países da Europa Central, Itália, países Ibéricos, U. R. S. S., Japão, China, Índia, Egito, União Sul-Africana, Austrália e Nova Zelândia.



Para a segunda série foi indicado ao professor não restringir o aluno a memorização de nomenclaturas, rios, estados etc. As nomenclaturas deveriam ser conduzidas para que o aluno se localize durante a explicação de algum fenômeno. Essa proposta rompe com o caráter mnemônico que a Geografia assumiu por muitos anos, mas que ainda persiste nos dias atuais ao associarem a Geografia como uma ciência de memorização.

Terceira série

GEOGRAFIA GERAL DO BRASIL:
Situação geográfica. Fronteiras terrestres. Relevo. Costas. Hidrografia. Climas. Riquezas naturais.
População. Formação territorial e questões de fronteiras. Governo. Produtos agrícolas. Criação de gado. Indústrias extrativas. Vias e meios de comunicação e de transporte. Comércio.
Geografia regional, focalizando as feições físicas, a evolução histórica e os problemas econômicos e sociais de cada uma das seguintes regiões: Brasil Septentrional, Brasil Norte-Oriental, Brasil Oriental, Brasil Meridional e Brasil Central.

Já na terceira série, considerando o aluno com certa maturidade para compreender determinados conteúdos, o professor deveria evitar assuntos menos importantes e instigar discussões abordando aspectos do país do ponto de vista econômico e político. Nessa série fica evidente o incentivo ao estudo da Geografia uma perspectiva nacionalista e patriota. O objetivo maior de estudar as diferentes regiões do Brasil era dar ao estudante um sentido de pertencimento a todo território nacional, do sul ao norte, do oeste ao leste.



Quarta série

COSMOGRAFIA E GEOGRAFIA FÍSICA, BIOLÓGICA E HUMANA:
A Geografia: histórico, conceito e divisão.
Sistema solar. Terra. Coordenadas geográficas. Movimentos da Terra. Mecanismo das estações.
Crosta terrestre: origem e composição. Eras geológicas. As fôrmas do relevo; tectônica e erosão. Oceanos e mares. A água do mar. Movimentos do mar. Relevo submarino. Rios. Lagos. Atmosfera: temperatura e pressão. Meteoros. Climas.
Geografia Humana: conceito e objeto. Raças. Línguas e religiões. O homem e o meio: gêneros de vida e graus de civilização. Habitações. Centros urbanos. Centros de povoamento: fronteiras e movimentos da humanidade. O Estado e suas fôrmas. Fins político-econômicos dos Estados. Moveis políticos das potências. Política internacional contemporânea. Culturas alimentícias. Plantas industriais. Criação de animais. Caça e pesca. Explorações minerais. Utilização das forças naturais. Vias e meios de comunicação e de transporte. PARTE PRÁTICA: Leitura de cartas topográficas. Leitura de cartas meteorológicas. Explicação de estatísticas e de gráficos. Excursões.

Na quarta série, deveria existir mais enfoque nos assuntos já discutidos, além de ampliar as possibilidades para preparar os estudantes para os exames de ingresso para o curso superior. Como se pode notar, é remetido os estudos astrológicos, conhecimentos cartográficos – que para todos os grandes pensadores da época era um dos assuntos mais importantes a serem estudados. Por se tratar de uma época de grandes conflitos mundiais o uso da cartografia como um aliado tático era imprescindível.



Quinta série

GEOGRAFIA DOS PRINCIPAIS PAÍSES:
Estudo especial de cada uma das seguintes potências, nas suas feições físicas e políticas particulares, salientando em cada uma delas os problemas de natureza social ou econômica que mais lhe caracterizam a vida internacional.
Império Britânico (ilhas Britânicas, Canadá, União Sul-Africana, Índia, Austrália e Nova Zelândia), França e colônias (África do norte e Indo-China), Bélgica e Holanda, Suíça, Alemanha, países da Europa Central, Itália, Portugal, U. R. S. S., Japão, China, Estados Unidos, Argentina, e o Brasil perante as principais potências

E por fim, o aluno egresso da quinta série, já a poucos meses de prestar os exames para ingresso na faculdade, poderia se tornar um cidadão formado em busca de aperfeiçoamentos. Caberia ao professor, então, enfatizar os estudos das superpotências mundiais, dando prioridades às questões particulares que se tangenciavam aos fatores políticos econômicos e sociais de cada país.

Considerações finais

Na busca de conhecer o projeto de programa para o ensino de Geografia apresentado no texto "O ensino secundário da Geografia" (1935) percebemos que os autores partiram do pressuposto de que o ensino secundário da Geografia não deveria ser um ensino de especialidades e sim de uma cultura geral. Para tanto, indicaram enquanto postura metodológica que os professores evitassem as abstrações no momento de apresentar os conceitos aos alunos, portanto, seria viável associar o assunto a ser aprendido com o cotidiano dos alunos. Era preferível ainda que não se apegassem unicamente a memorização de nomes, isso não significa o desprezo pelos nomes de rios, cidades, Estados etc, porém, deveriam ser articulados a realidade dos lugares de estudos.

É reconhecido que o ensino de Geografia estava sob fortes influências das tendências políticas da época, atribuindo a essa ciência um objetivo de auxiliar a disseminação do patriotismo e o nacionalismo. A Geografia, então, passa a ser considerada como uma ciência atual, ao passo que se adequava as transformações.



Quanto as orientações metodológicas, os professores eram incentivados a utilizarem leituras dos mapas que deveriam ser analisados com a intenção não de uma obra artística, mas como uma representação dos fatos, onde permitiam que o aluno associasse a representação do mapa com a vida real. Foram propostas também com finalidades metodológicas e didáticas as chamadas “leituras geográficas” na qual o professor se distancia das atividades rotineiras, e a fim de buscar a atenção dos alunos realizarem percepções dos conteúdos da Geografia através, por exemplo, de viagens, romances etc. Também não se descartaram os exercícios práticos, assim como outras disciplinas se dispõem do uso de laboratórios a Geografia também deveria realizar atividades dinâmicas, tais como a leitura de cartas topográficas familiarizando assim com a topografia, estatística, meteorologia etc.

Percebemos que esta forma de compreender o ensino de Geografia contida na proposta de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo, Maria Conceição Vicente de Carvalho para o ensino de Geografia na escola secundária da década de 1930, estava dentro da lógica escolanovista - difundida pela USP e em seu Instituto de Educação – e se tornou uma tradição e influenciou o currículo da escola paulista à época.

REFERÊNCIAS

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS. Ana Fani Alessandri (Org). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999. p.111-142.

SANTOS, Fátima Aparecida dos Santos. *A escola nova e a prescrição destinadas ao ensino da disciplina de Geografia da escola primária de São Paulo no início do século XX*. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo 2005.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BASTOS, Maria Helena Camara. Manuais escolares franceses no imperial Colégio de Pedro II (1856-1892). *História da Educação*, Pelotas, v. 12, n. 26, p. 39-58., set.dez. 2008.

FIORI, Vivian. *As condições dos cursos de Licenciatura em Geografia no Brasil: uma análise territorial e de situação*. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, 2012.

FONTES DOCUMENTAIS

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. *Methodologia do ensino geographico: introdução aos estudos de Geographia moderna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

MONBEIG, Pierre; AZEVEDO, Aroldo de; CARVALHO, Maria Conceição Vicente de. O ensino secundário da Geografia. *Geografia*, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 107-113. 193.